

Encaixilha-o uma moldura larga de alçado elevado, côr de rosa e a face central verde. Mostra má conservação. O número de catalogação é 5259.

ICONOGRAFIA.—O retábulo divide-se ao meio no sentido da largura. Na metade superior, côr rósea, vêem-se à esquerda dois homens, um de calção, gibão e carapuça, outro de calção e chapéu, os quais adiantam as mãos para uma mulher, caída de joelhos, entre êles. À direita surge a Virgem, em aparição teatral, mãos no peito, cheia de côres, coberta de alvuras vaporosas, a coroa um pouco à banda, e a rodeá-la um nevoeiro luminoso onde a luz divina que irradiava dela rasga labaredas de ouro.

LUÍS CHAVES.

Notas lexicológico-arqueológicas

Aqueles que teoricamente mais pregam patriotismo são às vezes os que menos o praticam. Patriotismo não é declamar, é pôr em execução tudo o que puder contribuir para o engrandecimento da pátria. Ninguém negará, suponho eu, que entre as formas do patriotismo se conta a de bem falar e escrever a língua materna, que constitui um dos vínculos da nacionalidade. Ora ao presente a língua portuguesa está tam desprezada, que não me parece supérfluo que quem de coração, e não só de loquela, professa patriotismo, se esforce por nesse sentido melhorar as condições actuais.

Pelo que toca à nomenclatura arqueológica, sabem os leitores que não poucos senões a afeiam e deturpam, uns por acção da literatura franceza, outros por outras razões. Aqui dou uma amostra, e ao mesmo tempo proponho o remédio respectivo.

1. CISTO.

Nas *Religiões da Lusitania*, I, 308 escrevi: «Em arqueologia pré-histórica emprega-se a palavra inglesa *cist* para significar um túmulo que »consiste numa caixa quadrangular, fechada pelos seus quatro lados »por pedras, e com tampa tambem de pedra. Estácio da Veiga e o »Sr. Santos Rocha traduzem esta palavra por *cisto*: vid. *Antiquidades monumentais do Algarve*, e *Antiquidades da Figueira*, passim. Os »Franceses dizem no mesmo sentido *ciste*. Como a origem das duas »formas é o latim *cista*, que vem do grego *κίστη*, entendo que em »português devemos dizer *cista*, do género feminino, e não *cisto*, do »género masculino, embora em inglês *cist* seja neutro». Apesar da

lógica de estas razões, o Dr. Santos Rocha escreveu nas *Antiquidades da Figueira*, IV, 256, em data posterior à do meu citado livro: *no cisto*, e acrescentou a nota: «Continuamos a usar de este termo . . ., »porque assim o encontrámos não só nos escritos de Estácio da Veiga, »mas na obra do Sr. Cartailhac, . . . e por nós parecer que nada se »opõe a que o termo possa tomar formas diversas em diversas línguas». O Dr. Santos Rocha tinha muita intelligência, e trabalhava optimamente, mas, embora todo o homem de sciência deva estar sempre disposto a mudar de opinião, porque só assim alcançará a verdade, não gostava muito de dar o braço a torcer, e por isso, contra o que eu provei, persistiu em escrever *cisto*. Contudo as suas observações facilmente se refutam: em primeiro lugar, só por motivos especiais é que um termo muda de forma, e não por nada, como aqui; em segundo lugar, se Estácio e Cartailhac são autoridades nos seus campos especiais de estudo, não o são em matéria de linguagem; em terceiro lugar, se ha escritores francezes que dizem *ciste* no masculino, há outros não menos sábios, que dizem justamente *ciste* no feminino, por exemplo, Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, I, 569: *une ciste*. Igualmente se lê *une ciste* na tradução franceza de *Age du Bronze*, de Evans, p. 425. Logo, nada contradiz o que nas *Religiões* afirmei acêrca de *cista*; o correcto é, pois, *cista*, e não *cisto*.

2. COUP-DE-POING.

Há um instrumento paleolítico que G. de Mortillet denominou *coup-de-poing*. Lê-se no *Musée préhistorique*, 2.^a ed., no texto que acompanha a estampa v: «On le nommait précédemment hache, mais »improprement. En effet, ce n'était pas une hache, mais bien un »instrument à tout faire: scier, couper, percer, tailler, etc., réunissant en lui seul tout l'outillage de l'époque». Não serei tam affirmativo no que respeita ao uso do *coup-de-poing*, porque, a par de ele, o homem preistórico devia também servir-se das unhas, de pedras brutas, de paus, etc. Já Lucrécio, há quasi 2:000 anos, proclamou isso em uns célebres versos:

Arma antiqua manus dentesque fuerunt
Et lapides et item silvarum fragmina rami¹,

e o nosso Damião de Goes, no século XVI, falando dos Índios do Brasil, disse: «Além dos arcos e frechas usam hũas espadas de pao

¹ *De natura rerum*, v, 1232-1233 (ed. de Th. Greech, p. 333-334).

» muito duro & pesadas, com has quaes onde acertam, do primeiro » golpe esmeçam qualquer membro em que tocam » ¹. Contudo é certo que a expressão *coup-de-poing* se tornou de uso comum entre os arqueólogos, tanto de França, como de outros países, inclusivè Portu-

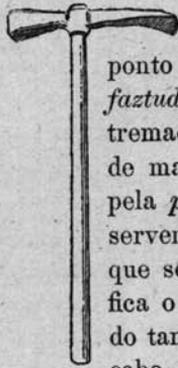


Fig. 1

tugal. Quanto ao nosso país, direi que talvez a pudéssemos dispensar, porque temos uma que até certo ponto corresponde à definição de Mortillet: é *faz-tudo* ou *faztudo*, plural *faztudos*, muito em voga nos pedreiros da Estremadura. O *faztudo* é um instrumento composto de cabo de madeira, e de uma espécie de cabeça, de aço, formada pela *pancada*, ou «martelo» propriamente dito, que tem a serventia de todos os martelos, e pelo *corte*, ou «picadeira», que serve para cortar tijolo; entre a *pancada* e a *picadeira* fica o *ólho*, onde o cabo entra e se fixa. Vid. a figura 1 (¹/₄ do tamanho natural). Admitindo-se que o *coup-de-poing* tinha cabo, como alguns instrumentos de pedra dos selvagens modernos, a semelhança entre êle e o *faztudo* é palpitante; se pelo contrário se admitir que era empunhado por quem o utilizava, a semelhança nem por isso deixa de existir, porque então servia de cabo o braço do homem. Em todo o caso o nome de *faztudo* tem carácter de generalidade, e é por isso que o cito aqui.

3. RACLOIR e GRATTOIR.

Chamam os Franceses *grattoir* a um «éclat . . lisse sur une de ses » faces et retouché sur ses bords, mais au lieu de se terminer par » une pointe, il présente dans le sens de la largeur un bord arqué » entièrement retouché». (Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, I, 103; cf. fig. 30). E chamam *grattoir* a um «racloir placé à l'extrémité » étroite d'un éclat très allongé». (Id., *ibid.*, I, 103; cf. fig. 71).

Ao instrumento da primeira espécie poderemos em português chamar *RASPADOR*, que é um instrumento de tanoeiro e de carpinteiro, composto de uma lâmina de aço larga, com gume no sentido da maior largura, e encabado de madeira. Ao instrumento da segunda espécie poderemos dar o nome de *RASPADEIRA* instrumento de pintor, composto de uma lâmina de aço estreita e comprida, com gume na extremidade menor, e cabo de madeira como o primeiro; a *RASPADEIRA* é geralmente na origem uma *betumadeira*, que depois de gasta se aplica para raspar e limpar as taboas que tem de ser pintadas. Nas figs. 2 e 3 dou os desenhos de um raspador e de uma raspadeira.

¹ *Chronica de D. Emanuel*, 1566-1567, parte I, fls. 54.

4. EOLITO, MEGALITO, MONOLITO.

Costuma dizer-se *monolito*, por causa do francês *monolithe*; mas a palavra vem do grego *μονόλιθος*, que deu em latim *monolithus*: por isso devemos dizer *monólito* em português, e análogamente todos os compostos de *-lito* «pedra»: *eólito*, *megálito*,—e também *aerólito*.

5. FUSAIOLA.

Já n-*O Arch. Port.*, VIII, 168, nota, mostrei que não deve dizer-se *fusaiola*, mas *cossoiro*, termo genuinamente nacional, usado no Sul.

6. MESA DE DÓLMEN.

É impróprio traduzir por «*mesa*» a palavra francesa *table*, aplicada à laje que cobre a câmara dos dólmenes, e devemos dizer *tecto*, *tampa*, *chapéu*, *cobertura*, ou análogamente. Pereira da Costa, *Dolmens ou antas*, p. 69, emprega com toda a propriedade *tecto*; todavia também se descuida empregando *mesa*.

Sem dúvida há exemplos de metafóricamente se dar o nome de *mesa* a uma superfície extensa, lisa e horizontal: a vila de Almeida chama-se assim de duas palavras que em árabe significam «a mesa», por causa do «assento chão que teve na sua primeira fundação»¹; em hespanhol *mesa* pode significar «llanura estendida sobre una altura», e há em Portugal vários sítios denominados *Mesa* e *Mesas*, que devem certamente essa denominação a concepções topográficas do mesmo género²; na descrição da ilha de Vénus diz Camões:

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntar-se,
Onde hũa *mesa* fazem, que se estende
Tão bella quanto pode imaginar-se...

nos *Lusiadas*, IX, 55³; «*Mesa do Cabo* he nõ Cabo de Boa Esperança, »ou das *Águlas*, huma terra alta sobre outra que no cimo faz huma



Fig. 2

Fig. 3

¹ Sousa & Moura, *Vestígios da língua arábica*, s. v.

² Cf. *O Arch. Port.*, XIII, 303.

³ Ed. de Epifânio Dias, vol. II, p. 179.

»planície de terra rasa»¹; em latim também *mensa* tem várias significações deduzidas do aspecto do móvel de que estou falando: nada de isto porém justifica que à parte superior de um dólmen se aplique a palavra *mesa*, porque um dólmen é um edifício, um abrigo fúnebre, uma casa de mortos, e os arqueólogos devem olhá-lo principalmente por dentro, e não apenas por fora. Ninguém poderia apelidar de *mesa* o telhado de uma casa, ainda quando visto por cima, e quando feito de lousa, como no Norte de Trás-os-Montes se usa; não seria contudo desrazoável empregar em tal sentido *chapéu*, expressão que uma vez no Alentejo ouvi a um campónio que me ajudava a explorar um dólmen, e que a applicou à tampa de êste: de facto o chapéu serve para «cobrir», e outro uso não tem a laje que, assente em esteios, delimita superiormente a câmara dolménica.

7. MOBILIÁRIO.

Não acho próprio, ao mencionar objectos miúdos encontrados em sepulturas, traduzir por *mobiliário* a palavra francesa *mobilier*. Melhor diremos *espólio*: cf. *O Arch.*, XI, 338, nota 2; também poderemos dizer *alfaia*, *aparelho*, *aparato*, *apercebimentos*, *aprestos*, etc.

J. L. DE V.

Monumentos Nacionais

I

Palácio de Queluz

Acêrca de êste notável edificio foi recentemente dirigida ao Governo pela Comissão de Monumentos da 1.^a Circunscricção, por intermédio do respectivo Conselho de Arte e Archeologia, uma representação, cujas conclusões são as seguintes:

«1.^o Que o Palácio de Queluz, juntamente com a parte artística dos jardins anexos, seja confiado ao Conselho de Arte e Archeologia para ser especialmente destinado a Museu de Mobiliário e mais artes decorativas do séc. XVIII e primeiro têtço do séc. XIX.

2.^o Que nas antigas salas do trono, dos embaixadores e outras do mesmo palácio, de reconhecido valor artístico, se proceda sob a fiscalização desta Comissão, aos trabalhos de restauração e consolidação que sejam necessários para lhes assegurar a integridade material e estética e o carácter da época;

¹ Bluteau, *Vocabulário*, s. v., onde cita as *Décadas* de Barros.